

Rogério Fernandes dos Santos é doutorando em Literatura Brasileira pela USP.

Título: Diálogo mais ao norte: Machado de Assis e a literatura regionalista.

Resumo: Essa comunicação propõe o estabelecimento de um diálogo entre Machado de Assis e Franklin Távora, em torno da literatura brasileira e sua vertente regionalista, travado a partir de ensaios, prefácios e correspondência dos dois autores. Em seu famoso ensaio, *Instinto de Nacionalidade*, de 1873, Machado faz ressalvas ao tipo de romance concebido a partir de paisagens e descrições da natureza, e reivindica liberdade criativa ao propor uma literatura que retratasse mais do que a “cor local”. Em 1876, Franklin Távora estabelece as bases do seu projeto literário intitulado “Literatura do norte”, classificando Machado como representante da literatura do sul e “*cultor de Balzac*”, e defendendo que a literatura produzida no norte é a mais brasileira por reproduzir aquilo que o Brasil tem de mais genuíno, sua natureza. Por fim, em 1902, Machado encerra o diálogo em carta a José Veríssimo, dizendo ter travado com Távora discussões “*freqüentes e calorosas*” sobre a literatura do norte, sem jamais chegarem a um acordo, assumindo assim a dificuldade de conciliação entre as duas visões de literatura. Desse modo explicita-se o problema da identidade nacional, suas concepções ideológicas e limites. Machado de Assis questiona o processo de formação dessa identidade por meio da literatura da “cor local”, preferindo estabelecer a discussão por meio de um processo literário que leva em conta, além das tensões da estrutura social brasileira, as diversas concepções e modelos de literatura.

Apresentação: As tensões entre o Norte e o Sul, que já haviam sido explicitadas no campo econômico e político com a Guerra do Paraguai (1864-1870), ganha sua feição no campo cultural a partir do projeto de literatura concebido por Franklin Távora. A princípio no volume de ensaios *Cartas a Cincinnati*, de 1872, um exame crítico da obra de José de Alencar, e depois ficcionalmente a partir do romance *O Cabeleira*, de 1876, primeiro volume da série intitulada *Literatura do Norte*. Verdadeiro libelo ao Norte, o romance teve como objetivo mostrar, aos que não conhecem, “a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais”¹. Desse modo, influenciado pela idéias positivistas, Távora privilegiou o estudo “etnográfico”² e lingüístico como fontes preciosas para a sua produção literária³. Segundo ele, caberia ao Norte conscientizar-se de sua força e tornar conhecidas suas qualidades literárias e políticas.

Quando, pois, está o Sul em tão favoráveis condições, que até conta entre os primeiros luminares das suas letras este distinto cearense (José de Alencar), tem os escritores do Norte que verdadeiramente estimam seu torrão, o dever de levantar ainda com luta e esforços os nobres foros dessa grande região, exumar seus tipos legendários, fazer conhecidos seus costumes, suas lendas, sua poesia, máscula nova, vivida e louçã tão ignorada no próprio templo onde se sagram as reputações, assim literárias, como políticas, que se enviam às províncias.⁴ [sic]

¹ Idem, *Ibidem*, p. 8.

² Os estudos etnográficos contribuíram para o processo de descolonização da literatura brasileira na medida em que aqui, assim como na Europa, durante o romantismo, a pesquisa do folclore permitiu transformar a produção oral (contos populares, lendas) em literatura escrita. Tal procedimento levava em conta a necessidade romântica de se resgatar o ‘gênio’ do povo. No Brasil, por exemplo, esse procedimento pode ser visto nos romances de Alencar e na figura idealizada do índio como herói nacional. O cientificismo recolocou esse dado em outra chave e iniciaram-se os estudos etnológicos, Távora lançou mão de conceitos científicos para retrabalhar esses elementos folclóricos e de costume e assim retratar as especificidades locais. “Em épocas e contextos históricos diferentes, são duas versões de uma mesma crença em uma identidade e em uma especificidade popular e originária. Segundo a mesma lógica de acumulação de uma riqueza literária e intelectual faltante, os escritores dos países egressos dos processos de descolonização no Magreb, na América Latina e na África negra iniciaram portanto um processo parecido, dessa vez a partir do modelo da etnologia.” Cf. CASANOVA, Pascale. *A República mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação liberdade, 2002, p. 106.

³ Sobre o assunto veja-se: RIBEIRO, Cristina Betioli. *O Norte – Um lugar para a nacionalidade*. Dissertação de mestrado. IEL – UNICAMP, 2003.

⁴ TÁVORA, Franklin. “Prefácio do Autor”. In: _____. *O Cabeleira*. São Paulo: São Paulo, 1988, p.11.

O projeto de Távora contrapõe a literatura do Norte à do Sul, estabelecendo as diferenças entre as duas; a literatura do Norte se destaca como expressão genuinamente nacional por apresentar as condições de renovação da literatura brasileira, nacionalidade essa esquecida por alguns autores do Sul, impregnados de literatura estrangeira.

As letras têm [...] um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.

A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro⁵.

E é a partir daqui que podemos introduzir um novo elemento na discussão do romance sertanista. No mesmo ano de publicação de *O Cabeleira*, 1876, Machado de Assis lança, primeiro nos rodapés do jornal *O Globo*, e depois em volume, o seu romance mais confessadamente “romanesco”, *Helena*.

Se nos voltarmos à resenha sobre *Helena*, publicada na *Ilustração Brasileira*, em 15 de outubro de 1876, periódico onde tanto Machado quanto Távora colaboravam assiduamente, veremos que *Helena* foi saudada como exemplo de literatura moderna, indo além da cor local e das paisagens exuberantes, quebrando o paradigma nacionalista da afirmação literária através das especificidades locais. Por outro lado, na recepção dada a *O Cabeleira*, publicada no mesmo periódico, em 1 de Novembro de 1876, propõe-se o inverso: seria o “nacional”, as grandes paisagens, o elemento determinante da “verdadeira” literatura brasileira, em oposição à literatura do Sul, repleta de estrangeirismos, da qual *Helena* talvez fosse o exemplo mais acabado. A recepção dos dois romances expõe o contraste das expectativas de leitura e dos caminhos a seguir no projeto de aclimatação do romance no Brasil.

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 27.

O contraste entre *Helena* e *O Cabeleira* não se notava apenas na recepção da obra, mas era explicitado pelo próprio Machado de Assis. Em carta a José Veríssimo, datada de 18 de fevereiro de 1902, ele diz:

Toda aquela questão da literatura do norte está tratada com mão de mestre. Tocou-me o assunto ainda mais, porque eu, que também admirava os dotes do nosso Franklin Távora, tive com ele discussões a tal respeito, freqüentes e calorosas, sem chegarmos jamais a um acordo.

Machado elogia o artigo escrito por Veríssimo – “suculento, lógico, verdadeiro, claramente exposto e concluído” – sobre a obra de Távora e demonstra a impossibilidade de acordo entre as duas concepções de literatura. Machado pregava, como seu empenho na criação da Academia Brasileira de Letras nos faz crer, a unidade literária brasileira.

A razão que me levava não era somente a convicção de ser errado o conceito do nosso finado amigo, mas também o amor de uma pátria intelectual una, que me parecia diminuir com as literaturas regionais.⁶

José Veríssimo havia escrito o artigo por conta da reedição dos romances de Távora pela Editora Garnier, romances que representavam, no dizer de Veríssimo,

...das mais exatas e mais belas representações em nossa literatura do velho Brasil, do Brasil tradicional, daquele que, sem embargo da bruteza da terra e da gente, e não obstante todas as razões acima, me parece, à minha alma apesar de tudo ainda romântica, enamorada do passado, o mais interessante, o mais pitoresco, o mais encantador, quase estou em dizer o mais amável.⁷

As ressalvas de Veríssimo a Távora eram mais agudas quanto à concepção do que é o Brasil e o que configura o brasileiro, alcançando assim grande parcela da inteligência nacional da época, que acreditava ser brasileiro – e nacional – tudo aquilo que derivava diretamente da mestiçagem.

⁶ ASSIS, Machado de. “Carta a José Veríssimo”. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962, v. III, p. 1059.

⁷ VERISSÍMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira*. 5ª Série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1977, p. 78.

Segundo essa concepção romântica, só é Brasil e brasileiro o que, em qualquer de nossas feições nacionais, deriva imediatamente da mestiçagem, física e moral, do português com o índio e com o negro. Que o Brasil é um país mestiço e de mestiços é uma verdade por todos os que têm estudado reconhecida... mas se o Brasil foi, e ainda é isso... não pode ser só isso.⁸

Esse comentário de Veríssimo remete às questões levantadas pelo próprio Machado de Assis no ensaio *Notícia da Atual Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade*, publicado em 1873, em que ele analisa a produção e as tendências literárias do período, explicitando as tensões entre o “nacional” e o “universal”. Esta tensão pode ser ilustrada através do contraste entre o projeto de literatura de Távora e o de Machado. Em *Instinto de Nacionalidade*, Machado comenta a influência do temário indianista, dizendo que “não está na vida indiana todo o patrimônio universal, [...] os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo.”⁹ Ao dizer que “os costumes civilizados” oferecem também tema à literatura, Machado reivindica para si o direito de produzir obras universais, sem perder aquilo que o torna essencialmente brasileiro.¹⁰

Com isso, tornam-se nítidas as suas ressalvas em relação ao romance “da cor local” representado por – e citados nominalmente por Machado de Assis no ensaio – Bernardo Guimarães, Sílvio Dinarte, Franklin Távora etc.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que se reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.¹¹

⁸ Idem, *Ibidem*, p. 76.

⁹ ASSIS, Machado de. “Notícia da Atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade”. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, v. III, p. 803.

¹⁰ Creio que, ao lermos “Instinto de Nacionalidade”, temos que ter em mente que mais do que um ensaio literário, trata-se de um manifesto de um escritor em busca de autonomia artística.

¹¹ ASSIS, op. cit.

Recordemos a polêmica de 1872, entre Távora e Alencar, escritor respeitado e admirado por Machado de Assis, e imaginemos o quanto das palavras de *Instinto de Nacionalidade* não seria uma resposta indireta à Távora e aos seus pressupostos críticos ao romance *alencarino*. Veremos então que é possível estabelecer um diálogo entre estes dois autores em torno da literatura do Norte, através do seguinte movimento:

As cartas a Cincinato, de Franklin Távora, publicadas em 1872, reúne a série de cartas polêmicas em que são analisadas duas obras de Alencar, *O Gaúcho* e *Iracema*. Távora faz restrições à obra de Alencar por esse não compor os seus romances com o devido rigor científico e histórico. Machado de Assis muito provavelmente acompanhou essa polêmica, e meditou sobre ela, o que pode ser considerado, mesmo em viés, o início do diálogo entre ele e Távora. Em *Instinto de Nacionalidade*, de 1873, temos as ressalvas de Machado ao tipo de romance concebido unicamente a partir de paisagens e descrições da natureza, e a defesa do projeto literário de José de Alencar, combatido por Távora em 1872. Machado posiciona-se na polêmica ao dizer que “tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo”, ou seja, a imaginação literária não pode ser cerceada por “doutrinas absolutas”, e a literatura pode consorciar o que a “fatalidade histórica” divorciou. No *Prefácio do Autor*, escrito em 1876 por Távora, ele diz categoricamente – e cita Machado de Assis – que há duas literaturas, a do Norte e a do Sul, e a do Norte é a mais brasileira por reproduzir aquilo que o Brasil tem de mais genuíno, sua natureza. O diálogo se encerra com o balanço de José Veríssimo em 1902 e o endosso de Machado a este, em carta também de 1902.

A militância de Franklin Távora em favor da literatura do Norte como superior na representação das especificidades nacionais, instigada pelas “doutrinas absolutas” da crença cientificista e nacionalista, foi lembrada, anos mais tarde, por José Veríssimo como fruto de um momento de idealização na literatura. Em seu projeto literário

Machado foi mais longe do que a representação etnográfica e a discussão nacionalista, requisitos colocados por críticos e romancistas para definir o “romance brasileiro”. Na contramão dessa corrente, Machado arregimentou para dentro do campo ficcional as questões definidoras do espírito nacional. Em outras palavras podemos dizer que a busca da “cor local” se deu no que há de específico no homem brasileiro, e não na natureza do Brasil.

Como exemplo, cito uma crônica de Machado de Assis, publicada em 1893, e ilustra de maneira anedótica o problema: Machado relata que certa vez acompanhou um viajante amigo seu para conhecer os arredores do Rio e algumas velhas construções:

Sei que não são ruínas de Atenas; mas cada um mostra o que possui. O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu e as montanhas, e, ao cabo de cinco minutos: “Que natureza que vocês têm!”¹²

O sentimento “nativista” de Machado de Assis se ressentiu do fato de o olhar estrangeiro admirar apenas a natureza e não as realizações do homem. “Quando me louvam a casaca, louvam-me antes a mim que ao alfaiate...a casaca é minha; se não a fiz mandei fazê-la. Mas eu não fiz, nem mandei fazer o céu e as montanhas, as matas e os rios.”

A Natureza¹³, no imaginário estrangeiro, estaria acima do Homem e de sua obra, legando à ação humana um caráter secundário. “A admiração de nosso hóspede excluía

¹² ASSIS, Machado de. *A semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 255-256.

¹³ O tema da natureza está entranhado em nosso imaginário desde os tempos da colônia. Da carta de Pero Vaz até João Ubaldo Ribeiro, passando por Alencar e o romance de 30. Todos aqueles que pensaram o Brasil, de alguma forma, se debruçaram sobre a questão. Pessimista, José Murilo de Carvalho analisa a situação nos dias de hoje, apontando que o problema proposto por Machado perdura hoje entre os próprios brasileiros. O motivo básico seria a falta de credibilidade nas instituições públicas, o que faria com que os brasileiros se orgulhassem mais da natureza exuberante do Brasil do que de suas realizações. José Murilo de Carvalho conclui: “O povo não se vê como responsável pelo que acontece no país não apenas porque não participa mas ainda por não se considerar cúmplice da ação de seus representantes, mesmo quando os elege. Não se vê como agente direto nem indireto da política. Não se enquadra na democracia antiga nem na moderna. Desse modo, só lhe restam as belezas naturais, cada vez mais destruídas por ele próprio. No dia em que lhe faltarem as belezas, o último refúgio de orgulho talvez seja o samba e o futebol. “Nóis sofre” na política mas “nóis goza” no Carnaval e nas vitórias da seleção

qualquer idéia da ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas, nem pelos nomes dos navios que estavam ancorados. Foi só a natureza.”

A década de 1870 foi um período em que o regionalismo se intensificou com obras como as de Távora, *O Cabeleira* (1876); Taunay, *Contos e Narrativas Militares* (1878); e Bernardo Guimarães, *Mauricio*¹⁴ (1877). Também começavam a surgir os primeiros autores influenciados, ainda que timidamente, pelo naturalismo, tais como Júlio Ribeiro, *O Padre Belchior de Pontes* (1876); e Inglês de Souza, *Contos Amazônicos* (1876)¹⁵, *Cacaulista (Cenas da Vida Amazônica)*¹⁶ (1876), *História de um pescador* (1877)¹⁷, *Coronel Sangrado* (1877)¹⁸. Machado mostrava ser não só homem de seu tempo, mas também dialético ao conjugar criticamente a produção romanesca européia com as

nacional de futebol. Hegel, em terrível avaliação, achava que a América, sobretudo a do Sul, estava condenada a ser prisioneira da natureza, a nunca se elevar à condição de história. A sobrevivência de nosso edenismo como substituto da participação se não dá razão ao filósofo, não deixa de ser um dado inquietante. É como inquietação que entendo o desabafo de Nelson Rodrigues ao dizer que o Brasil é uma paisagem. Consola, mas não muito, a existência, registrada também por Nelson Rodrigues, de uma pátria de chuteiras. “ Cf. CARVALHO, José Murilo de. “O motivo edênico no imaginário social brasileiro.” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, out./dez. 1998, vol. 13, n. 38, pp.63-79.

¹⁴ “O novo romance intitula-se *Mauricio* e é uma curiosa narrativa histórica. [...] com aquele amor com que sempre trata das coisas do interior do Brasil nesse seu belo livro Bernardo Guimarães é o mesmo pintor que todos admiramos, o colorido prosador que tão lindas e verdadeiras descrições tem feito de nosso sertão.” Cf. “Bibliografia”. *Ilustração Brasileira*. 15 de fevereiro de 1877, p. 247.

¹⁵ Um volume de contos exaltado pela *Ilustração Brasileira* como fruto de um autor que “tem paixão pelas coisas de seu país.” No texto, evidencia-se a opção pela cor local como qualidade desejável em um livro de literatura brasileira. “As descrições de lugares, de costumes e de fisionomias são tão apropriadas, há tanta verdade no colorido, tanta abundância de seiva em todos aqueles quadros, que, além de revelarem um belo e promissor talento, formam um lindo álbum de paisagens amazônicas, com toda a cor e sabor local. Cf. “Boletim Bibliográfico”. *Ilustração Brasileira*. 15 de julho de 1876, p. 30.

¹⁶ Sobre o romance de Inglês de Souza, publicou a *Ilustração Brasileira* em 1º de fevereiro de 1877: “*O Cacaulista* é devido à pena de um modesto filho do Amazonas, que usa do pseudônimo Luiz Dalzoni. Autor de vários contos de que já temos notícias nestas colunas, apresenta ele agora um conto de maior fôlego, e, como outros, cintilante de cor local, de engenhosidade, e de interesse. Não há no *Cacaulista* coisa que se pareça com essas [...] descrições da natureza equatorial: o narrador conhece os quadros que pinta, e por isso dá-lhes um colorido esplendor [sic] que tornam inteiramente novas as suas descrições. Acreditamos que Luiz Dalzoni será um dos mais opulentos escritores do Norte do Brasil, e que lhe está destinado um brilhante papel se persistir cultivando o romance nacional.” Cf. “Bibliografia”. *Ilustração Brasileira*. 1º de fevereiro de 1877, p. 230.

¹⁷ “É uma obra de inquestionável merecimento, e que confirma a boa opinião que a imprensa tem formado do vigor, imaginação e sentimento com que Luiz Dalzoni (Inglês de Souza) trata, sob a forma amena do romance, das coisas do Norte do Brasil.” Cf. “Bibliografia”. *Ilustração Brasileira*. 15 de fevereiro de 1877, p. 247.

¹⁸ *O Coronel Sangrado* foi saudado pela *Ilustração Brasileira* como “novo subsídio da literatura do Norte”. “A natureza esplêndida desta grande região aparece sobriamente reproduzida, não sem graça e interesse, em alguns pontos do trabalho de que estamos tratando. Cf. “Publicações da Quinzena”. *Ilustração Brasileira*, 1º de dezembro de 1877, p. 181.

especificidades locais, experimentando a possibilidade de compor um romance folhetinesco tendo como base as peculiaridades sociais e econômicas brasileiras. Motivo que explica o fato de *Helena* ter sido um corpo solitário entre as composições literárias do ano de 1876, assim como foi impregnada por silêncios e estranhamentos a recepção da maioria dos romances machadianos ao longo de sua trajetória literária.

Ao explicitar as disparidades entre a temática agitada dos folhetins e a cor local, Machado nos possibilita um vislumbre de composição sem paralelos entre outros romancistas do período. Esse vislumbre consiste em proceder ficcionalmente, de modo que a composição narrativa dramatize – e eu cito aqui John Gledson – “a estrutura social do Brasil e o problema da identidade nacional, na condição de que isso não fosse visto como uma questão de sabiás e índios, mas de um relacionamento dependente e conflituoso entre o Brasil e a ‘metrópole’ européia.”¹⁹ Esse relacionamento conflituoso, cuja tensão está contida entre os modelos de literatura importados, sua circulação entre o leitorado do oitocentos e a sua configuração dentro de uma estrutura social escravocrata, faz da composição de *Helena* esta exceção a que nos referíamos, e demonstra a consciência de Machado enquanto artista inserido num quadro de dependência e tensão com a metrópole européia. Ao ver-se à frente desse pêndulo entre literatura local e literatura européia, Machado teve que optar por uma composição de romance que abraçasse toda essa problemática. John Gledson afirma que não se tratou de deixar simplesmente a tradição local de lado e abraçar uma composição nitidamente europeizada; a alternativa foi a de – por intermédio da paródia de enredos, estruturas narrativas e modelos literários – compor uma ficção que era indubitavelmente brasileira, sem no entanto cair no ingênuo e ufanista. Machado nunca foi ingênuo a ponto de

¹⁹ GLEDSON, John. “1872: A parasita azul. Ficção, nacionalismo e paródia.” In: *Cadernos de literatura brasileira: Machado de Assis*: São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2008, pp. 194-215.

imaginar possível a produção de literatura sem dialogar e “traduzir” os romances brasileiros, os romances-folhetins importados e a nossa realidade social.